

PUENTE, Miguel de la. “Prefácio”. In: GADOTTI, Moacir. *Dialética do amor paterno: do amor pelos meus filhos ao amor por todas as crianças*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1989. pp. 9-11.

Prefácio

Bem antes de ler o texto que me proponho ora prefaciá-lo, conheci o seu autor, primeiro como colega universitário, e depois como amigo. A amizade se desenvolveu após a militância conjunta na Faculdade de Educação da UNICAMP, ele, então, no Departamento de Sociologia da Educação, e eu no Departamento de Psicologia Educacional.

Seis anos atrás, nós dois nos separamos academicamente, mas nos aproximamos no nível mais pessoal das crenças, gostos e ilusões. A dimensão sócio-política do Moacir acentuou-se mais em termos de engajamento concreto, esse sempre associado a um referencial teórico, ainda presente no texto em apreço e do qual ele parece não poder se desvencilhar, mesmo almejando-o.

A distância geográfica que nos separava, pois eu me mudei para o Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da mesma Universidade, veio até permitir que um outro tipo de convivência se desenrolasse entre nós dois. Muito contribuiu para isso nossas longas e contínuas viagens pelo trajeto Campinas-São Paulo, que até recentemente fazíamos de carro pela Anhanguera (Moacir se recusava a viajar pela Bandeirantes, pois essa estrada parecia muito retilínea e pouco surpreendente).

Conheço também pessoalmente as outras personagens desta estória: Clara, Dimitri e Inaê, o que transformou para mim, em grande parte, a leitura de um texto que pretende ser um fórum aberto de debates num epistolário íntimo para poucos desvelado. Essa é uma das características e um dos valores do texto. O tema da separação do casal usualmente não é tratado com a experiência direta e expressa do próprio autor.

As vivências da paternidade nessa situação fluem aqui da pena de um coração sofrido e amante. Disso o leitor se aperceberá imediatamente. Os arrazoados ou argumentos para onde parece intentar desembocar o relato autobiográfico do autor desvanecem-se perante a intensidade emocional donde eles emergem.

Confesso que após a primeira leitura, principalmente da primeira parte do texto, experimentei uma série de insatisfações, pois certas afirmações do autor não saciavam a minha razão pensante. Logo me apercebi que o bojo do texto não era racional e sim emocional. As razões me deram uma outra impressão: fugas musicais numa partitura descomunalmente trágica.

Ao longo do texto o autor se debate com a própria angústia que ele intenta partilhar com o leitor. O autor não está falando, por exemplo, da televisão, mas das contínuas rupturas de presença e

ausência entre pais e filhos. O drama sem fim da família que ocorre com os seus componentes, fisicamente unidos ou separados, reside nas conflitivas relações triangulares entre o pai, a mãe e os filhos. Como é a paternidade (ou a maternidade) sem a sua contraparte? Como ser o pai dos seus próprios desejos separado da esposa que é a mãe de seus filhos? Trata-se de algo mortal, conclui o autor. E é esse tipo de sentimentos que ele debate com o leitor.

A culpa, a culpa de todos nós é também apontada pelo autor quando ele se refere ao juízo externo da sociedade.

O tema do capitalismo e do socialismo, no sentido de possessão e de negação da possessão da prole, entra como eco ressonante dos ganhos e perdas afetivas do pai e como tese central, muito adequada para uma coleção de “Polêmicas”: “o amor pelos meus filhos ganha força e beleza com o amor por todas as crianças”.

A paternidade tem um preço. Eis um texto que escapa ao teor esperado de um tema debatido publicamente. O autor se despe e despe o próprio leitor, o qual pode resistir argumentando com razões para escapar da partilha de angústias e emoções.

Miguel de La Puente
Campinas, 27 de agosto de 1984.